

COMO EU ENTENDO ALMA E VIDA

Valentim Neto – 2015
apontamentos
vale.aga@hotmail.com

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
DITADO PELO ESPÍRITO
MARIA DOLORES



ÍNDICE

REGRESSO DE SIMÃO PEDRO	5
REPORTAGEM	8
SERVIR MAIS	10
A ALEGRIA DE JESUS	12
CONVITE DE IRMÃ	15
NO CORREIO DA LUZ	17
A ÁRVORE E A FONTE	18
PETIÇÃO E RESPOSTA	20
ESSE ALGUÉM	22
SONHO E VIDA	23
CANTIGA DA TOLERÂNCIA	26
GENTE NOSSA	27
PROVAÇÃO DE UM HOMEM	29
CANTIGA DA DOR	32
PERDOA E SEGUE	34
JESUS E A CARIDADE	35
RIQUEZA MAIS ALTA	37
ESPINHOS	38
ALVORADA DO REINO	40
DE ALMA PARA ALMA	43
CARAVANA	45
REDENÇÃO E AMOR	47
AGRADECIMENTO	50
FAMÍLIA E VIDA	51
NESGA DE PROVA	52
CANTANDO AGRADECEMOS	55
FESTA DE AMOR	56
O CAMINHO DO REINO	58
ARTE E VIDA	61
LEMBRANÇA ÍNTIMA	63
AMOR E VIDA	64
ORAÇÃO NO TEMPO	68

Pelo trabalho, a experiência terrestre se transforma em cântico de alegria.

Aparecida

REGRESSO DE SIMÃO PEDRO

Maria Dolores

Simão Pedro desperta, além da vida humana.
Retoma, pouco a pouco, as forças da memória
Terminara, por fim, a luta insana
Do flagelo por grande pesadelo
Recorda a cruz do fim, levantada ao avesso,
Que aceitara na Terra por vitória...
Sabe que está no Além, pensando em recomeço
Do próprio apostolado...

Onde estaria o Mestre Sempre Amado?
E os outros companheiros
De ânimo nobre e forte,
Que o haviam no mundo, precedido,
Sob a perseguição sem pausa e sem sentido,
Ao encontro da morte.

A brisa da manhã suave e cristalina
Trazia-lhe perfume ao leito novo e alvo...
Indagara Simão: “Que surpresa teria?”
Tocou o próprio corpo, achou-se são e salvo
E chorava, enlevado, em suprema alegria...

Alguns instantes mais e ouviu, enternecidamente,
Cânticos de louvor e saudação;
Alguém surgiu à porta, de repente,
Envolto em doce luz
A doar-lhe conforto e proteção...
Pedro entendeu quem era e bradou-lhe: “Jesus!”.

Erguendo-se, em seguida,
Leve e ágil, gritou: “Ave, Senhor da Vida!...”
Cristo abeirou-se dele, a enlaçá-lo sorrindo,
Depois vieram outros companheiros,
Instrutores, amigos, mensageiros,
Do júbilo fazendo o festival mais lindo...

Pedro enxergou, feliz, os vergéis exteriores...
Eram jardins imensos,
Recheados de flores.

Em profunda euforia,
O ditoso Simão
Tomou a si a mão
Que Jesus lhe estendia
E disse, quase em pranto:
- Senhor; estou cansado,

Não mais me distancies de teu lado...
 Trago comigo a dor
 Dos que moram no mundo,
 Aquele imenso caos, cada vez mais profundo,
 De penúria, fadiga e sofrimento...
 Não desejo perder as luzes que hoje alcanço,
 Permite-me, Senhor, ficar contigo,
 Neste celeste abrigo...
 Necessito de paz, de socorro e descanso...
 Ao mundo de onde venho,
 Pelas tribulações padecidas no lenho,
 Não mais quero voltar...
 Desejo aqui viver contigo, neste lar...

Mas Jesus apontou-lhe o imenso espaço à frente
 E falou-lhe a sorrir:
 - Fica, Simão, se estás contente...
 Estes sítios são teus,
 Tanto quanto de todos os irmãos
 Que serviram, na Terra, à bondade de Deus...

Cristo fez pausa e, logo após,
 Explicou: “Quanto a mim,
 Não posso repousar;
 A construção do bem é o meu lugar...
 Ouve, Simão!... Enquanto
 Houver na Terra um só gemido
 Numa gota de pranto,
 Enquanto houver no mundo um coração caído,
 Devo esforçar-me por permanecer
 No trabalho do amor que é meu dever...
 Mas, descansa, Simão!... Ver-nos-emos depois,
 Nunca houve distância entre nós dois...”.

Afastou-se Jesus,
 Entretanto, Simão fitando o Excelso Amigo,
 Bradou sem vacilar:
 - Senhor, eu vou contigo!...

No passo firme do Divino Mestre,
 Ambos se retiraram das Alturas,
 Buscando a direção das faixas obscuras
 Da vastidão terrestre...

Na retaguarda, em paz, ficou a multidão
 De almas angelicais, numa doce canção,
 Cujo estribilho recordava
 Esta expressão de luz dos hinos galileus:
 - “Louvado seja o amor!... Bendito seja Deus!...”.

(Apontamentos:

Acordar no mundo espiritual com equilíbrio é formidável! Durante os primeiros momentos nos regalamos com a tranquilidade ali existente e até pensamos em não mais sair dali. Mas o Espírito conhecedor da Lei de Deus não aceita o descanso, pois sabe que a jornada evolutiva ainda não acabou e, assim sendo, prepara-se para nova jornada terrena destinada ao seu evolutivo e ao auxílio no evolutivo dos irmãos de jornada. Este foi o exemplo do Mestre, agora sabemos, e devemos nos preparar para corretamente segui-Lo!)

REPORTAGEM

Maria Dolores

Reportagens!... Tantas vejo,
Entre pessoas e fatos,
Revelando altos contatos
No campo da informação!...
São estudos de armamentos,
Informes de grandes vultos,
Entrevistas de humanos cultos,
Assuntos de ocasião...

Lendo as letras das cidades,
Busquei as periferias,
Tentando outras companhias
Que desejava escutar;
Pareceu-me estar num mundo,
Desvairado e diferente,
Onde existe tanta gente
Entre a revolta e o pesar.

Vi pobre mãe a estender-me,
No auge do desconforto,
Triste seio semimorto
E uma criança a gemer,
- Minha irmã, - ela disse,
- Que dizer do que me ocorre,
Grito e ninguém me socorre,
Vendo meu filho a morrer...

Numa choupana de lata,
Falou cansado ancião:
- Explicar-me? Por que não?
Note a mágoa que senti...
Sou cego, mas tive casa,
Com mesa rica e seleta,
Dei o que eu tinha a uma neta
E a neta largou-me aqui...

Foi num telheiro afastado
Que encontrei mais adiante
A irmã quase agonizante
Com febre alta a pedir:
- Minha irmã rogue, em meu nome,
À pessoa que me aceite
Um pires de pão com leite
Para que eu possa dormir...

Mais além, outra mulher,

Transportava, a curtos passos,
Um filho morto nos braços
Para dá-lo a um rabeção:
Ela chamava, - “Oh! Meu Deus,
Se entreguei meu filho à morte,
Quem será meu braço forte,
Nas horas de privação?!...”.

Entrevistas, reportagens?...
Em serviço, trago esta...
Não tem o gosto de festa,
Nem verbo renovador;
Traduz apenas convite
Ao trabalho, em qualquer hora,
Para darmos a quem chora
Uma centelha de amor.

(Apontamentos:

A irmã apresenta uma enorme gama de assuntos delicados da vida terrena. Ao abordá-los a mídia deveria, e deve ser menos trágica nas manchetes e mais resoluta nas soluções dos problemas. A mídia responsável é aquela que investiga e chega ao âmago da questão, indicando os responsáveis e as soluções. Mas enquanto formos ‘idealistas’ de um lado irreal, somente complicaremos toda e qualquer situação delicada que se apresente! A verdade é algo que conseguimos a duras penas, com muito estudo, meditação e ações corretas... Ainda levaremos um tempo para lá chegarmos!)

SERVIR MAIS

Maria Dolores

Alma querida, não fales
De mágoa e ressentimento,
Ante o impacto violento
Da dor, onde quer que vás;
Esquece-te e prossigamos
No esforço de nosso nível,
Agindo, quanto possível,
Para o sustento da paz.

Além das áreas de angústia
Em que a penúria domina,
A prova se descortina
Onde sobram teto e pão:
Muito conforto que anotas
Traz a lágrima escondida
E o ouro que enfeita a vida
Muitas vezes surge em vão.

O progresso se agiganta,
Continente a continente,
A cultura exige frente,
Quer o gênio mais lugar;
Levantam-se arranha-céus,
O cérebro ganha altura,
Mas ouve-se a desventura
Do sentimento a chorar.

Casas nobres abrem alas
Para a vitória do estudo,
Mostra o povo anseio agudo
De Vida Superior;
Mas o tóxico se espalha,
Sob lances infelizes,
O lar é um campo de crises
À míngua de paz e amor.

A guerra que vibra acesa,
De lado a lado do mundo
Feriu, a golpe profundo,
A confiança no bem;
Medo, tensão, amargura
Dos seres incompreendidos
São lágrimas e gemidos
Que atingem o Mais Além.

Sigamos, alma querida!...

Em dolorosos enganos,
Nos raciocínios humanos
A sombra alcança apogeus...
Elevemos, ante o Cristo,
As forças do coração...
Toda a Terra em transição
Tem fome da luz de Deus.

(Apontamentos:

Quanto mais nos chafurdamos no materialismo, quer seja da ciência ou da religião, mais confusos e revoltados ficamos com a vida terrena. Reclamamos da vida abraçando os valores materiais, reclamamos do amor odiando aos irmãos, reclamamos das doenças aviltando a saúde! Como podemos encontrar a paz ou, no mínimo, a tranquilidade se somente despejamos ódios diversos sobre tudo e sobre todos? Vamos pensar um pouquinho nos valores transcendentales...)

A ALEGRIA DE JESUS

Maria Dolores

Ele, homem de fé,
 Ouvira alguém dizer, um dia,
 Que Jesus, em legando a paz ao mundo,
 Também deixara aos humanos,
 Junto à bênção da paz, em sentido profundo,
 O dom celeste da alegria.
 A calma ele encontrara esquecendo as ofensas
 E cumprindo o dever que lhe cabia.
 No entanto, onde encontrar o júbilo do Mestre,
 Entre as contradições do caminho terrestre?

Buscou sinceramente o serviço das crenças...
 Todas elas traçavam
 A senda nobre e reta,
 Mostrando a fé por meio e os altos Céus por meta,
 Mas, muitos dos fiéis, quase em todos os cultos,
 Eram tristes, amargos, sofredores;
 Pediam proteção, chorando as próprias dores,
 Fossem jovens ou adultos,
 Em vasta maioria,
 Oravam tão somente a rogar e a gemer,
 Pouca gente sabia agradecer
 Ao chão que lhes doava água, apoio e comida,
 Nem pensar na grandeza
 Da própria natureza
 Que lhes acalentava os dons da vida.

Onde estava a alegria de Jesus?

Ele foi procurá-la
 No cimo da montanha,
 Entretanto, a montanha em plena luz
 Que o sol lhe endereçava em raios cor de opala,
 Era bela e altaneira,
 Mas lamentava os temporais
 Que lhe abriam no corpo as chagas da erosão.

Foi ao vale a se abrir em pompas naturais
 Na beleza das flores...
 O vale era um jardim de perfume e cores,
 Mas censurava as larvas que o feriam...

Ele foi consultar;
 As áreas de um pomar,
 As árvores mais fortes e mais belas
 Talvez fossem as altas sentinelas

Da divina alegria...
 Todas vestindo em verde, alegres e felizes
 Sobre os sapatos das raízes,
 Davam a quem passasse os próprios frutos,
 Entretanto, queixava-se do vento,
 Que lhes quebrava o corpo, ao furacão violento.

O homem foi ao mar...
 O oceano que se reconhecia
 O gigante maior, existente no mundo,
 Expressava-se em cólera sombria,
 Talvez gritando a dor em que vivia,
 Por ocultar, no próprio fundo,
 As vítimas de guerra
 E os resultados da pirataria...

Ele peregrinou, quase que em toda a Terra,
 Sem achar a alegria de Jesus,
 Numa noite, porém, chuvosa e fria,
 Lobrigou na calçada
 Um velhinho caído sem ninguém...
 Sofreu ao ver-lhe o peito e os braços nus;
 Não quis saber quem era...
 Ali estava alguém
 Que devia tratar qual se lhe fosse irmão.
 Conhecia um telheiro próximo e vazio,
 Podia socorrê-lo e livrá-lo do frio.
 Tomou-o com cuidado,
 Aconchegando ao peito o infeliz desmaiado;
 No entanto, ao dedicar-lhe a máxima atenção,
 Sentindo que lhe ouvia o próprio coração.
 Notou que lhe nascia
 No âmago do ser um júbilo profundo
 Associado à paz de que se revestia
 Ao transportar o pobre ancião,
 Ele reconheceu que descobria,
 Sob o calor de estranha luz,
 Em sublime alegria,
 A celeste alegria de Jesus.

Desde então, muito embora
 Cumprisse as obrigações de cada hora,
 Em todos os sentidos,
 Fez-se o irmão dos caídos...
 Carregava esses pobres companheiros
 Que encontrasse na rua
 Para abrigos, refúgios e telheiros.
 Não só isso,
 Doava sempre a quem necessitasse
 A própria prestação de apoio e de serviço...

O tempo desgastou-lhe o corpo alterado e doente...
 Ele, porém, sentia-se feliz,
 Servindo sem cessar
 Na mesma diretriz.

Numa noite, entretanto, ele caiu,
 Ao carregar um ébrio desditoso...
 Estirado no pó, quase que num instante,
 Viu-se fora do corpo enfermo e idoso...
 Sob dor lancinante,
 Qual se agudo punhal lhe traspassasse o peito...

Fitou o antigo corpo imóvel,
 Conquanto fraco, embora,
 Usufruíá agora
 Um corpo mais perfeito,
 Sentiu-se um tanto inquieto... O que seria?
 Mas alguém se mantinha de vigia...
 Era um homem trajando um manto acolhedor
 Que lhe estendia os braços num sorriso
 Feito de paz e amor...

E ele que carregara tanta gente
 Viu-se, então, transportado, de repente,
 E esquecendo a doença, o desgaste e o cansaço,
 Notou que resguardado com carinho,
 Ele e o homem de luz
 Subiam juntos para o Grande Espaço...

Que se passava ali? O que Haveria?
 Ele não quis saber... Repousava e seguia
 Nos braços que o guardavam,
 Atento ao benfeitor que o conduzia;
 Ele sabia apenas
 Que atravessava as regiões serenas
 Da Altura recamada
 De branda e extensa luz
 Buscando o Grande Além, chorando de alegria,
 Na celeste alegria de Jesus.

(Apontamentos:

Enquanto vemos nos irmãos de caminhada evolutiva espiritual apenas seus corpos físicos, não conseguiremos qualquer traço de tranquilidade real. Ao nos conscientizarmos dos valores transcendentais e dos objetivos das encarnações, nós teremos olhos de ver e ouvidos de ouvir! Somente nos valores espirituais para a encarnação é que conseguiremos caminhar em relativa paz, não absorvendo os desequilíbrios da necessária materialidade. Este é o único caminho correto para a realização dos nossos objetivos já nesta encarnação, e preparando-nos para as próximas...)

CONVITE DE IRMÃ

Maria Dolores

Sofres, de longa data, o rude assédio
De provações, dentro de casa:
É o pai doente, é o filho que se atrasa
Nos deveres do estudo, entre os quais se habilite
Para a vida melhor, mais nobre e mais bonita;
É a filha habituada ao desencanto e ao tédio
Em que parece alienada;
São os amigos e irmãos de palavra dourada
Que te falam de amor e de carinho
E te deixam nas pedras do caminho...

Não te entregues, no entanto,
À tristeza vazia.
Sai de ti mesmo e vem conosco à escola
Onde a força do Bem nos reanima e consola,
Doando-nos apoio e companhia.
Comecemos o nosso aprendizado
De aplicação à prática do Bem:
Muito perto de nós, em único recanto,
Com todo o fel que a privação contém
Agoniza um enfermo sem ninguém.

Nossa jornada continua...
Estendamos socorro às mãos infortunadas
Que mendigam na rua,
As criancinhas desacompanhadas
Que buscam, por instinto,
Nas sacolas de lixo das calçadas
Um pedaço de pão que lhes acalme o estômago faminto,
E aos doentes sem paz, aqui e além,
Sem choça que os açoite...
Ei-los rogando espaço e pouso, antes que chegue a noite...

Vem aprender, antes as lições da prova,
Nas aulas sob pontes esquecidas,
Nos becos, nos porões, nas avenidas
E entenderás que a vida se renova
À frente dos irmãos do pranto e da amargura!...
Então regressarás ao lar que te guarda e te apura,
De coração tomado de alegria,
Notando no trabalho e no esforço dos teus,
Doces obrigações de cada dia,
Dando graças a Deus.

(Apontamentos:

Ficamos procurando a solução dos nossos problemas familiares fora da família. Mas é na nossa

família encarnada que se encontram os espinhos de nossas anteriores veredas... Dentro de nosso esforço máximo devemos solucionar ou abrandar esses espinhos remanescentes, pois eles são os testes que necessitamos para o nosso evolutivo espiritual. Fugir dos problemas familiares e se dedicar aos outros somente pode ser válido quando, conscientemente, nossos limites não aguentam mais aos familiares. O fato de nos afastarmos da família deve estar acompanhado do reconhecimento de postergação, para outra encarnação, dos nossos compromissos para com os irmãos que nos acompanham na família. Nós nos acreditamos bons; exemplifiquemos nossa bondade! Nós nos reconhecemos falíveis; façamos o máximo possível nos nossos limites!)

NO CORREIO DA LUZ

Maria Dolores

Uma longa jornada em noite fria
 É como se a existência se te fosse...
 Segues temendo a sombra... A ventania
 É o turbilhão de pó que ela te trouxe...

Ampliam-se os calhaus em que tropeças...
 O aguaceiro desaba... O granizo te alcança...
 Assombram-te os perigos que atravessas,
 Arrimando-te à prece em fios de esperança...

Ergues-te e cais... Levanta-te, rastejas,
 De coração atento aos deveres que levas...
 Há quem te aguarde, além do repouso que almejas,
 A mensagem da paz, no amor que vence as trevas...

Sangrem-te os pés, esforça-te, porfia,
 Olvida a própria dor, na estrada austera,
 E atingirás, chorando de alegria,
 A luz do novo dia que te espera...

(Apontamentos:

Por que a minha dor e meus tormentos são maiores do que de meus irmãos? Esta é a mais cretina das perguntas que nos podemos fazemos, pois ela revela a nossa total ignorância com respeito à Lei de Deus e ao Criador! Orgulho e egoísmo! As duas negras e pesadíssimas placas que fazemos questão de manter em nosso poder e, por esta razão, caminhamos arfando e reclamando da nossa própria insensatez... Tantos livros, tanta Natureza, tanta cegueira, tanta burrice!)

A ÁRVORE E A FONTE

Maria Dolores

Era uma laranjeira de alto porte.
Muito perto da fonte que a nutria,
No recanto obscuro de um pomar...
Aves faziam dela um reino de alegria
Sobre o apoio do tronco largo e forte.

Quadro de paz e amor da Natureza:
A Árvore a farfalhar, entre as frondes felizes,
Os melros, os sabiás e os gaturamos
Tecendo ninhos nos seus ramos,
Uma fonte, alentando-lhe as raízes
E o céu azul ao Sol, cobrindo-lhe a beleza!...

Vegetal esquecido pelo dono,
Não se queixava de abandono,
Muito contrariamente, ao invés disso,
Era um palácio verde em constante serviço...
Abelhas tinham nele um refúgio e um tesouro,
A sorverem-lhe o mel dos frutos que lembravam
Pomos vestidos de ouro...
Mas, um dia, surgiu extenso bando
De humanos sedentos e famintos
Que deram pasto franco aos seus próprios instintos,
Depois de enlamear a fonte de águas claras
Agrediram a nobre laranjeira,
Manobrando facões, pedras e varas
E, em estreitos minutos,
Despojaram-na, inteira,
De todos os seus frutos.

A fonte sempre calma
Guardou manchas e mágoas,
Lavando sobre a areia as suas próprias águas...

A árvore fez silêncio.
Maltratada e ferida,
Deitava a seiva em pingos quais se fossem
Densas gotas de pranto...

Os pássaros, no entanto,
Não choravam somente os estragos nos ninhos;
Entre arbustos vizinhos,
Lastimavam as duas benfeitoras:
A fonte que os mantinha em constante alegria
E a árvore de bênçãos protetoras
Que lhes doava o pão de cada dia...

E pipilavam com tamanha dor
 Que pareciam todos juntos
 Numa prece de amor,
 Rogando a Deus, em voz enternecida,
 Que as protegesse
 E as refizesse para a luz da vida.
 E Deus lhes atendeu aos rogos de ternura
 Dentro de tempo breve, em verdes resplendores,
 O tronco era, de novo, um palácio de flores
 E a fonte era mais pura.

Nesse quadro do campo, alma querida,
 Vejo-te a vida, - o tronco, - e a fé que sintetiza
 A fonte linda do teu belo ideal,
 Entre os pobres irmãos adversários
 Da crença que nos guarda e nos eleva,
 Sem saber que se fazem
 Intérpretes da treva
 E empreiteiros do mal
 Tristes amigos irritados!...
 Sei que te ferem, alma boa,
 Entretanto, trabalha, ama e perdoa;
 No tempo que se altera sobre o tempo,
 Surgirão transformados!...
 Os descrentes e os maus, na condição de ateus
 São sempre corações desesperados
 Com saudades de Deus.

(Apontamentos:

A irmã Maria Dolores nos apresenta belo exemplo da ação divina sobre a Natureza e a recomenda-nos segui-lo em nossa vida encarnada... Mas como fazê-lo se não conhecemos a verdade sobre Deus e Suas leis? Estudar é a única solução, a racionalidade é o único caminho, a fé raciocinada é a única luz verdadeira em nosso caminhar. A Doutrina dos Espíritos é um convite aos estudos e à racionalidade, estudá-la é entrar na claríssima racionalidade dos valores espirituais e entendimento dos objetivos reencarnatórios... Vamos estudar?)

PETIÇÃO E RESPOSTA

Maria Dolores

Busquei o campo, a fim de meditar
 Nas provações da Terra, em vastas crises...
 Como sanar a dor das almas infelizes?
 Como estender a fé ao pranto do pesar?

Encerrada em mim mesma, ali, a sós,
 Fitei o Céu imenso, a esmaltar-se de luz,
 E surpreendi-me, orando em alta voz,
 Perguntando a Jesus.

Mestre e Senhor!...
 Já que nos enviaste ao mundo desatento,
 Para falar do amor
 E proclamar-te o ensinamento
 Nos alicerces da esperança
 O que dizer aos humanos nesta hora
 De amargura transição?
 O sofrimento avança
 E enquanto as luzes do progresso
 Tomam novos lauréis nas grimpas onde estão
 Vemos a multidão que se excrucia e chora
 Nos mais remotos ângulos da vida...
 O que dizer, Senhor, à mágoa indefinida
 Das mães que perdem filhos bem-amados
 Que apenas começavam a viver?!...
 Filhos de primavera e juventude,
 Que recolhem nos braços desolados,
 Quais lírios em botão,
 Que a morte decepou, antes da floração?
 Que dizer aos que fogem
 Para os domínios da aventura
 E caem, sem pensar, nas tramas da loucura,
 Superlotando sanatórios
 Que lhes apague a alucinação?
 Que ensinar aos irmãos acidentados,
 Que despertam, depois da anestesia,
 Para saber que foram mutilados,
 Com mais problemas para cada dia?
 De que modo afastar o desconforto
 Da mulher que carrega um filho nascituro,
 Ante o marido morto,
 Imaginando as dores do futuro?
 O que dizer, Jesus, aos que vagam na estrada,
 Muitas vezes com febre, frio e fome,
 Sem apoio e sem lar na caminhada
 De aflição que os consome?

Como extirpar a desesperação
 Daquele que organiza a própria despedida,
 No intuito de fugir ao fel da própria obrigação
 E fazer-se suicida?
 Como extinguir na Terra a violência e a penúria
 Dos conflitos do ódio sempre em fúria,
 A fim de apedrejar e destruir
 Tudo o que mostra o bem, nas asas do porvir?

Confesso que chorei, mas mergulhada em pranto,
 Escutei, de repente,
 Um celeste mentor que, em silêncio, me ouvia,
 - Irmã, a dor no mundo é o preço da alegria
 Sofrimento é recurso amargo e santo,
 Preparando, na Terra, os dias que virão...
 Bendita seja a luz da provação!
 Se desejares servir ao Cristo que nos chama,
 Nada reclames... Segue, serve e ama!

Nisso, ouvi alguém gemendo, em voz dorida e mansa...
 Larguei-me da emoção,
 Indagando a mim própria quem seria...
 Atravessei, à pressa, alguns trechos de chão
 E encontrei, dentro da noite fria,
 Paupérrima choupana...

Lá dentro, um quadro de ternura humana;
 Pobre mulher, em pranto, procurava
 Podar a dor de frágil pequenina,
 Que doença fatal, aos poucos, destruía,
 Por falta de agasalho...
 Coloquei-me em trabalho,
 E envolvendo-a de todo,
 Fiz-me calor e paz, apoio e segurança...
 E, em oração, no estreito bosque escuro,
 Compreendi que amparar a uma criança
 É também cooperar nas bases do futuro.

(Apontamentos:

Depois de relatar todas as atrocidades existentes no mundo e sentindo-nos perdidos em nossa pequenez, ficamos aturdidos por não poder resolver a todos os problemas, e petrificamo-nos em nossa impotência. Mas ao conhecermos a Lei de Deus tudo se resolve, pois descobrimos que a gota é tão valiosa como a chuva, que a réstia é tão importante como o Sol, e que um só gesto de carinho por um irmão vale para todos os irmãos...)

ESSE ALGUÉM

Maria Dolores

E suportas, sem pausa, alma querida,
Doença, inquietação, infortúnio, tristeza,
No imenso desencanto da alma presa
No grande espinheiral de ansiedade e de dor...
Ninguém entende as lágrimas que choras,
Pois em tudo de bom que o mundo te oferece,
Retiras tão somente o socorro da prece,
Por doação de paz, no Céu, em teu favor.

Na vastidão da noite, entregue ao pensamento,
O silêncio é uma farpa em que te cortas...
Ajuntas esperanças semimortas,
Sem que a memória as possa carregar...
Onde os teus sonhos? Onde os teus projetos?
Todos se foram sob a ventania
Da provação que ruge e rodopia,
Extinguindo o prazer e deixando o pesar.

Entretanto, não temas. Luta e segue...
Alguém te escuta e vê a presença sofrida,
Resguardando-te a fé e amparando-te a vida,
Doando-te consolo, paz e luz.
Chora, sem atirar-te ao desespero,
Tolera a própria dor, por mais estranha,
No apoio desse alguém que te acompanha,
Que esse alguém é Jesus.

(Apontamentos:

Entender todas as agruras da passagem encarnatória não é tão difícil, o difícil é aceitá-las sem qualquer reclamação. A resignação total ainda é um objetivo distante para a atual humanidade terrena, pois a mesma exige plena conscientização da Lei de Deus. Mas já podemos caminhar numa resignação parcial, de acordo com o nosso evolutivo espiritual e da nossa firme disposição de praticá-la! O conhecimento da Lei de Deus nos propicia entender os objetivos encarnatórios e, de acordo com nossa disposição, já aceitar alguns espinhos pretéritos...)

SONHO E VIDA

Maria Dolores

Aquele solo agreste era o lugar remoto
Onde vivia a sós o anônimo devoto.

Jovem ainda, ele presenciara
A cena que jamais olvidaria:
O pai apunhalado em agonia
Ante o vizinho que o aniquilara
Por mínima questão
De terra, muro, água e plantação...
Depois disso, afirmou no vilarejo
Que todo o seu desejo
Era buscar Jesus, sem sombras, sem perigos
E consagrar-se ao Mestre, inteiramente:
Não lhe valeram rogos de carinho
Da família que o viu mudado, de repente,
Declarava querer o seu próprio caminho
E partir com destino ignorado...
Avançou e avançou por regiões distantes,
Até que se instalou num bosque descampado
Que pagou a dinheiro de contado...
A não ser velho servo surdo e mudo
Que lhe servia a mesa
E lhe prestava auxílio em quase tudo,
Vivia em prece pelos matagais
E através do silêncio
Na paisagem formada em verdura e beleza,
Dava-se, vez em vez, à Natureza,
Plantando flores, quanto às quais dizia
Serem todas ofertadas ao Senhor,
A quem se devotara pleno de alegria
E profundo fervor.

Nas orações de cada dia,
Após entretê-las,
Fitava, em voz alta, implorando a Jesus:
- “Revela-me, Senhor,
Seja onde for e seja com quem for,
A tarefa que eu deva realizar!...
Tudo quanto desejo é te honorificar,
Em mim, tua vontade é um santo compromisso,
Dá-me teu palmo, engaja-me em serviço”...

O tempo desfolhou vinte nove janeiros.
O devoto, porém, vivendo solitário,
Nunca mais consultou o calendário.
Dia-a-dia, o silêncio, a quietude e a oração

Em que pediu aos Céus qualquer indicação
 Do trabalho a fazer,
 Que aceitaria, enfim, por sagrado dever...
 Certa noite, no entanto, ele se viu em sonho
 Encantado e risonho,
 Numa ilha de paz, no mar do firmamento;
 Espantado, ele viu, piedoso e atento,
 Que Jesus vinha vê-lo...
 Ergue-se para ouvi-lo em recatado zelo
 E eis que o Mestre lhe diz confiante e amigo:
 - “Filho, regressa ao lar, terás hoje contigo
 O encargo que pediste em oração...
 Um companheiro, em vasta provação,
 Virá pedir-te amparo e socorro em meu nome;
 É um pobre delinquente
 Que tem pagado no mundo, asperamente,
 Os erros dos momentos de loucura
 Já sofreu menosprezo, abandono, assalto, desventura...
 Hoje, é mendigo, um reprovado que erra
 Nas veredas de lágrimas da Terra,
 Sem meios de vencer a luta que o consome;
 Dá-lhe de teu amor, na bênção de teu pão,
 Ele te rogará consolo ao coração;
 Mesmo em havendo empeço, ajuda-o mesmo assim,
 Faça isso, meu filho, em memória de mim...”.

Reconhecendo em Cristo a presença da Lei,
 O devoto, extasiado e reverente,
 Respondeu, claramente:
 - “Obrigado, Senhor... Assim farei...”.

Nisso, ele voltou ao corpo... Enlevado, desperta.
 Manhã clara. Ouve alguém, batendo à porta,
 Num choro que o agita e desconforta
 Na morada deserta...
 Recordando a visão do sonho iluminado,
 Ergue-se, estremunhado,
 Lembra Jesus com desvelado amor
 E perguntou a si mesmo
 Quem o procuraria
 No amanhecer daquele dia,
 Com tanta gritaria e tanta dor...

Atônito, ele sai
 E encontra no infeliz, sem rumo e sem caminho,
 O antigo desafeto, o impiedoso vizinho
 Que lhe amargara a vida e lhe arrasara o pai.

(Apontamentos:

Para uma encarnação ser considerada proveitosa ela deve se enquadrar nos postulados da ‘fraternidade universal’. Não existe qualquer valor no exílio, no evitar a convivência do mundo físico.

A fraternidade é a convivência generalizada, portanto presume-se que de 'irmãos'. Há uma gradual caminhada a ser feita. Primeiramente 'suportar', depois 'conviver', mais adiante 'comprender' para, finalmente, 'irmanar'. Todos nós somos filhos do mesmo Pai, portanto irmãos espirituais, mas como a carne nos separa, devemos suplantar essa aberração – a carne maior do que o Espírito – e caminharmos correta e celeremente para a verdadeira fraternidade!)

CANTIGA DA TOLERÂNCIA

Maria Dolores

Quem diz que o verbo se vai,
 Qual sol vazio no vento,
 Não mostra o Espírito atento
 Ao que se pensa e se diz;
 Mormente agora, na Terra,
 Em transição apressada,
 A frase rude na estrada
 Invoca a treva infeliz.

Anota: às vezes, em casa,
 Por simples questão, à toa
 Vem a injúria que atordoa,
 Partindo para a agressão,
 Duras mágoas do passado,
 Remexidas de repente,
 Parecem bombas da mente,
 De explosão para explosão.

O trânsito, em qualquer parte,
 Parece um teste constante,
 Exigindo, a cada instante,
 Humildade e amor ao vem;
 Aparece um desafio,
 A prolongar-se no insulto,
 E o crime que estava oculto
 Arrasa os dias de alguém...

Quanto puderes, evita,
 Onde estejas e onde fores,
 Queixas, intrigas, clamores
 Ante o mal, silêncio é luz!...
 Quem serve, eleva e perdoa,
 Por mais sinta a vida amarga,
 Diminui a luta e a carga
 Que pensam sobre Jesus.

(Apontamentos:

A correta consciência do valor da encarnação no evolutivo espiritual nos dá o equilíbrio necessário para transpor a maioria dos óbices produtos das nossas dívidas pretéritas...)

GENTE NOSSA

Maria Dolores

No atendimento à penúria
 Da multidão que desfila
 De alma cansada e intranquila,
 Rogando agasalho e pão,
 Não digas que esse trabalho
 Vem de vaidade ou loucura
 Desprimorando a cultura
 Ou deprimindo a visão...

Silencia por instantes
 O alarme da inteligência
 E escuta na consciência
 O coração a falar;
 Essa fila enorme e aflita
 É nossa família à frente,
 Pedaco de nossa gente,
 Em torno de nosso lar.

De sentimento a guiar-te,
 Notarás no próprio peito
 Surgir imenso respeito
 Por esses irmãos na dor;
 Olha o garoto que passa,
 Enfermo, de olhar sem brilho,
 Podia ser nosso filho,
 Gritando por nosso amor.

Fita os irmãos fatigados
 Sob as rugas da incerteza,
 Marcados pela tristeza
 De quem vive sempre a sós,
 Foram jovens cintilantes,
 Que em meio à graça e ao ruído,
 Talvez pudessem ter sido
 Nossos pais, nossos avós...
 Alegra-te por servi-los.
 Doar-lhes paz e esperança
 É próprio de quem avança
 Cumprindo as Divinas Leis;
 Acolhe-os e escutarás
 A voz do Cristo, onde fores:
 - “Todo o amparo aos sofredores
 É sempre a mim que o fazeis”.

(Apontamentos:

Triste é a nossa sina quando não conseguimos distinguir entre ‘necessitados’ e ‘proveitadores’.

Os valores espirituais que já podemos assimilar nesta encarnação nos podem ajudar mais, pois se referem a leis eternas, não mutáveis. Quando a mão esquerda inquirir à mão direita: a quem dás? A resposta da mão direita será: não viemos para julgar...!)

PROVAÇÃO DE UM HOMEM

Maria Dolores

Na casa estilo antigo, austera e reservada,
Acontecera assalto revoltante.
Tudo fora ocorrência de um instante.

Caíra a noite espessa em garoa gelada
Um homem qual se fosse conhecido
Abrira facilmente uma porta de entrada,
Sem qualquer alarido,
E ganhara o interior,
Atirando no dono, um pobre professor,
A quem aparecera mascarado,
Furtando-lhe o dinheiro resguardado,
E joias de valor,
Que se mantinham numa caixa forte...
Em seguida, fugira o malfeitor...

Fizeram-se tumulto e burburinho.
A polícia viera num momento
Num grupo de severos patrulheiros.

O antigo educador, aos oitenta janeiros,
Duramente atingido, estava quase à morte
No quarto em desalinho,
Sob a assistência de uma filha em pranto,
Pediú fosse chamado o seu filho, mais velho, um magistrado,
Pois queria falar-lhe na hora extrema.

A patrulha expediu prestimoso soldado...
Quase que de repente,
Um cavalheiro de alto porte
Adentrou-se na casa em revolta evidente.
Beijou as mãos paterna, comovido,
E após ouvir detalhes do ocorrido,
Clamou, exasperado.
- Hoje, de qualquer jeito,
Saberemos punir o celerado
E guardá-lo, a preceito...

Mas, na perda de sangue que o domina,
Embora a proteção da Medicina,
Sabendo-se a morrer, o pai lhe implora:
- Meu filho, ouve-me bem!...
Já não posso falar bastante agora...
Não persigas ninguém.
Deixa de lado
O infeliz companheiro mascarado...

Que seria de nós se o delinquente
Fosse de nossa gente?!...
Quero partir abençoando os meus...
É preciso perdoar,
Esquecer, entender e auxiliar,
Para estarmos com Deus...

Entretanto, o ferido fez-se mudo.
Calou-se-lhe a voz clara.
A parada cardíaca chegara
E, depois dela, a morte apareceu,
Lançando sombra em tudo.

Ao ver o genitor imóvel sobre o leito,
O filho magistrado
Exclamou revoltado:
- Não, não posso perdoar o terrível sujeito
Que aniquilou meu pai covardemente.
E chamando a patrulha, incontinenti,
Determinou, em voz desesperada:
- Precisamos concluir a tremenda caçada,
Contratem populares... Quero isso:
Mais gente habilitada no serviço.
Seja alcançado e preso
O homem que matou meu pai, velho e indefeso...
Preso e depressa!... É o que lhes digo...
Esse monstro é um perigo!...

Partem homens dispersos sob a noite.
Sirenes gritam alto;
Rodam carros rangendo sobre o asfalto,
O vento frio corta qual açoite...
Mais algum tempo decorrido,
E um emissário surge espavorido.
Pede licença ao chefe e lhe fala: - Doutor,
Prendemos finalmente o malfeitor...
Foi, porém, alvejado
A tiros de um rapaz que nos seguia,
Um popular não identificado;
Mas preciso aviar-lhe que o detento
Está em grande sofrimento,
Sob a pressão de forte hemorragia...
É um rapaz muito moço, um menino a chorar...
Cria o senhor, é um caso singular...
Nosso grande empecilho
É que o jovem declara ser seu filho
E roga-lhe a presença na prisão!...

O magistrado em pleno desconforto,
No velório do pai, agora morto,
Exclama em fúria para o mensageiro:

- Meu filho? Nunca. Desde tenra idade,
 Teve em meu cofre o que quis, à vontade,
 Meu rapaz foi criado ao valor do dinheiro...
 E acrescentou: - esse ladrão
 É um patife de lenda;
 Meu filho nestes dias
 Está de férias na fazenda,
 A dezoito quilômetros daqui...
 - Doutor, e o ferimento?
 É dos mais graves que já vi,
 Esclarece o emissário, calmo e atento,
 - Devo buscar o médico ainda agora?

O interpelado irritadiço
 Respondeu, prontamente:
 - Nada de mimos para o delinquente,
 Depois do sol nascer, cogitaremos disso.

A manhã refulgia, clara e bela,
 Quando, cercado de assessores,
 O magistrado entrou na cela...
 Mas ao ver o rapaz que um guarda lhe apresenta,
 Ofegando, cansado, em agonia.
 Numa poça sangrenta,
 Reconhece, assombrado, à luz daquele olhar
 Que a morte recolhia,
 Agindo devagar
 Então se pôs a rugir, a tremer e a clamar
 - Deus!... Pai de Bondade e de infinito Amor,
 Que fiz para sofrer tamanha dor?

Em seguida, abraçou-se ao jovem, ternamente,
 No modesto colchão que o servia por leito...
 A beijar-lhe, ansioso, as feridas do peito.
 Nas rudes convulsões que a mágoa lhe consente,
 Rebuscava-lhe, em vão, o olhar agora já sem brilho...
 O nobre magistrado, em pranto ardente,
 Encontrara no morto o próprio filho.

(Apontamentos:

História explicativa do antigo enunciado: ‘nossos filhos não são nossos...’. Entender que o nosso filho é apenas e tão somente o corpo físico, e que o Espírito ali residente é um irmão de caminhada evolutiva espiritual, é um filho de Deus! Façamos a nossa parte, o quanto pudermos, quer seja de valor material ou espiritual, para com esses nossos filhos, bem como para com todos que caminham conosco... Todo o mais será do domínio da Lei de Deus!)

CANTIGA DA DOR

Maria Dolores

“E por que tanta dor por este mundo afora?
 - Perguntei ao mentor que me instruía –
 Ralava-me na Terra a escassez de alegria...
 Voltei do mundo físico e, ainda agora,
 Novo tipo de lágrimas me assiste:
 Sou feliz e sou triste
 Vendo aqueles que amo, em provação constante,
 Sem que eu possa valê-los,
 Muito embora o carinho dos meus zelos
 E o meu imenso amor de cada instante!...”.

Ele explicou-me com bondade:
 “Essa história da dor na Humanidade
 Precisa ser revista...
 Por que lhe menosprezar a função alta e bela,
 Se não há criatura a evoluir sem ela?
 Vemo-la, em toda parte,
 Desde o sono da pedra aos altos sonhos da Arte.
 Entre os humanos irmãos, tudo o que se conquista:
 A cela corporal, as posses e os prazeres
 Pedem a vida de milhões de seres!...
 Quanta aflição envolve a Natureza
 Para que o humano se alimenta à mesa!?...
 Se houvesse uma consulta em cada horta,
 Se alguém se dispusesse a ouvir a queixa dos rebanhos
 Ou se escutasse o tronco que se corta,
 Quantas inquietações e protestos estranhos!...
 A dor também é lei na qual se apura
 A Civilização de que tens a cultura!...
 Força de propulsão,
 Sofrimento é processo
 Para que se organize o topo do progresso
 Ante o esplendor da evolução!...”

“E posso caminhar sem dor, em minha estrada?”.
 - Indaguei, pensativa.
 E o mentor respondeu em voz pausada:
 “Sem a bênção da dor, que nos guarda e elucida
 Para o encontro do Bem,
 Ninguém pode entender os ensinamentos da vida
 Nem saberá servir junto de alguém””.

(Apontamentos:

Sempre estamos reclamando das dores e dos tormentos pelos quais passamos durante a encarnação, mas até onde essas reclamações são válidas? Faz dois mil anos que Jesus nos ‘convidou’ a

seguí-Lo; e será que já estamos fazendo? Nunca tivemos tanta liberdade de ler e saber tudo a respeito das verdades do Criador; será que já estamos estudando? Sim, temos muitas dores e tormentos, mas o culpado único disso tudo é um só; olhe no espelho que ele está lá!)

PERDOA E SEGUE

Maria Dolores

A mágoa não te aborreça
 Nem te conturbe a alma aflita,
 A frase que seja dita
 Destacando a sombra e o mal.
 A Terra é uma grande escola
 De beleza indefinida,
 Mas, por vezes, tem na vida
 A importância do hospital.

Quantos amigos encontras
 De cabeça erguida à frente,
 Sem mostrar a alma doente
 Sob a forma juvenil,
 Esse transporta consigo
 As trevas de ódio violento,
 Outro guarda o sofrimento
 Que vem de amarguras mil.

Aquela mulher vistosa
 De porte belo e perfeito
 Exibe uma cruz no peito
 Por adorno de eleição;
 Mas, embora vive em festa,
 Carrega junto a quem ama
 Uma cruz de pedra e lama
 Por dentro do coração.

Alma querida, não deixes
 Que a mágoa te busque ou vença,
 Perdoa qualquer ofensa,
 Seja essa ofensa qual for;
 Na luta entre o bem e o mal
 Na construção do porvir,
 Triunfa quem sabe agir
 Usando a bênção do amor.

(Apontamentos:

O que sabemos daquele Espírito que encarnado chamamos de ‘amigo inseparável’? Ficamos perdendo tempo ao olharmos as exterioridades da vida encarnada quando deveríamos ganhar tempo estudando os valores espirituais. Como não conhecemos nem a nós mesmos – Espíritos -, como queremos entender aos outros por efêmeros valores materiais? Enquanto não estudarmos e compreendermos a Lei de Deus nós continuaremos a nossa agonia por sermos ‘diferentes’ das exterioridades de nossos irmãos encarnados...)

JESUS E A CARIDADE

Maria Dolores

Antes de o Cristo vir ao mundo,
Era desconhecida
A irmã do amor que apoia a vida...

Só se sabia, a fundo,
Considerar; na Terra, o poder do mais forte.
Junto a irmãos do conforto, prósperos e altivos,
Os fracos, os vencidos e os doentes
Quase sempre, eram míseros cativos,
Rogando, muita vez, o consolo da morte,
Sem protetores ou parentes.

Embora a altura da filosofia,
O desprezo, a tristeza, o cansaço, a agonia,
Eram marcas de dor, em cada criatura
Que fosse conduzida aos vales da amargura!...

Mas Jesus, o Senhor,
Ao sublimar o sentimento humano,
Trouxe consigo a irmã do amor
No coração do Bom Samaritano.

Desde então, eis que o mundo se ilumina
Na presença solar da Emissária Divina,
A generosa mensageira
Altera, pouco a pouco, a Terra inteira...
Nasce a ideia da paz, nos tempos novos,
A solidariedade aparece entre os povos;
O trabalho conquista amplo e belo conceito,
Eleva-se a mulher ao destaque e ao respeito,
A força do perdão reanima e consola;
A prisão evolui na direção da escola;
Fogem sombras do mal nas sugestões do bem...

E, atravessando séculos afora,
Ei-la igualmente aqui, nas bênçãos desta hora,
Unindo, no ideal que vos move a nobreza,
Arte e beneficência, alegria e beleza!...

Espalhando, em serviço, a paz que nos invade,
Seja bendito, em vós, o anseio superior,
Porque tendes convosco a luz da Caridade,
A Emissária do Cristo, - excelsa irmã do amor.

(Apontamentos:

A parábola do Bom Samaritano é o corolário do evolutivo espiritual nesta etapa evolutiva de resgates e expiações. Fazer o bem sem olhar a quem! Nesta época de pura desconfiança mútua, de mentiras e aproveitadores sem par, somente aqueles que conhecem a Lei de Deus é que conseguem, a muito custo, fazer algo de útil aos irmãos de jornada evolutiva espiritual. Mentores e Instrutores espirituais já disseram que esta etapa evolutiva é a mais difícil, por ser extremamente material, portanto animalizada! Apenas podemos realizar algo através dos estudos que nos apresentem as verdades da Lei de Deus, e os Espíritas têm a vantagem desta doutrina ser a da razão, portanto, vamos aos estudos doutrinários, para conhecer, entender, aceitar e já caminhar na Lei de Deus!)

RIQUEZA MAIS ALTA

Maria Dolores

Dizes-te, às vezes, pobre e sem recursos,
 Que ninguém te sorri...
 Entretanto, não vês que trazes, ao dispor,
 Um tesouro de vida superior,
 Que podes espalhar, começando de ti.

Ergue-se de teu verbo o ensejo santo
 De transmitir o bem a quem te escuta
 Exterminando o mal... Guardas, portanto,
 A magia do Céu e o doce encanto
 Da voz que estende a paz e extingue a luta
 Tens nos olhos e ouvidos sentinelas,
 De modo a ver em ti e, em derredor,
 Os males a vencer, rixas e bagatelas,
 Na construção do bem pela qual te desvelas,
 Em louvor do melhor.

Tens nas mãos duas harpas prodigiosas
 Capazes de entoar a melodia,
 Da beleza, do amor e da alegria,
 Criando arte e cultura, luz e rosas
 Ao sol de cada dia.

Dizes-te, às vezes, pobre e sem recursos,
 Que ninguém te sorri...
 No entanto, tens contigo, seja em qualquer lugar,
 A bênção de servir e trabalhar,
 A riqueza mais alta que já vi.

(Apontamentos:

A primeira e mais fácil das ações construtivas que podemos realizar é a da correta palavra. Quando estudamos a Doutrina dos Espíritos e a absorvemos, estamos prontos para a caminhada consciente no nosso evolutivo espiritual. Caso sintamos a dificuldade de realizar ações conjuntas, façamos a nossa parte, e a melhor maneira é a verbal! O verbo educado é realizador maravilhoso. Disciplinemos o nosso pensamento e verbalizemos a paz em todos os momentos, lugares e situações em que estivermos, e tenhamos a certeza de estarmos colaborando com a Lei de Deus.)

ESPINHOS

Maria Dolores

Ouço-te as preces, alma querida e boa,
 Rogando proteção,
 Como quem pede entendimento e abrigo
 Para o cansado coração...
 E sei que choras, com motivos próprios,
 Mesmo vivendo no clarão da fé,
 Porquanto quem passou pelas sendas humanas
 Sabe o que seja a luta e a provação como é...

Para os que decidem a viver sob a inércia,
 Tempo, ante algum tempo, é sono simplesmente,
 Mas para quem aceita o próprio aprendizado
 A vida é diferente...

Entretanto, recorda:
 Os espinhos da alma
 São sempre como são,
 Formando, em qualquer parte, os degraus da subida
 À luz da elevação...

E os espinhos são muitos,
 No caminho interior,
 É o dever de se dar à batalha do bem,
 O encargo de atender ao plantio do amor...
 É a incompreensão de alguém, é o desafio
 A fim de que se anule a tentação
 Que tantas vezes nos visita,
 A testar-nos o próprio coração;
 É a nossa dor e a luta dos que amamos,
 A inquietação e o medo, em cada prova,
 A tristeza, a amargura, a sombra e a mágoa,
 Tudo, enfim, que nos fere e nos renova.

Inda assim, alma boa,
 Vale a pena seguir... Ama e perdoa!...

A fim de que se alcance a suprema alegria,
 Não basta ver em nós sofrimento e pesar,
 É preciso vencê-los, dia-a-dia,
 Trabalhar e servir, aprender e passar...

(Apontamentos:

Aquela escola era muito estranha. Ostentando belos títulos os professores diziam aos alunos: Não se preocupem em estudar, é só fazer de conta que estudam, nós faremos suas provas e lhes daremos boas notas, aproveitem todo o tempo para se divertirem, pois a vida é feita de brincadeiras, nada de responsabilidades e seriedade, curtam muito enquanto estão nesta escola, vocês sai-

ção com a melhor formação acadêmica e própria para realizarem tudo que precisarem, vocês tem todo o direito de se divertirem! Acordei assustado e sem saber se havia sonhado ou não!)

ALVORADA DO REINO

Maria Dolores

Tiago, filho de Alfeu, em desconforto,
 No desapontamento que o invade,
 Antes que se rompesse a tempestade
 Prestes a desabar sobre Jerusalém,
 Foi ver o Cristo morto.

O vento escorraçava a multidão,
 Que descia tangida à chibatas de pó;
 Vendo o topo do monte quase sem ninguém,
 Sob certo disfarce, o aprendiz de Jesus
 Subiu, ansioso e só,
 E falou para o Mestre, aos pés da cruz:
 - Por que morrer assim, Jesus, se as profecias
 De nossas tradições e de nossas memórias,
 Falam de ti no Reino que previas,
 Na condição de rei, cercado de vitórias?
 O povo te saudou por Príncipe Perfeito,
 Alto libertador da Terra Prometida...
 Por que não combateste, ao menos, por respeito
 Aos que disseste amar nas agruras da vida?
 Perdoa-me, Senhor, a repulsa que tenho,
 Nada vejo que a fé nos recomponha...
 Ai de nós que ficamos!... Este lenho
 Para sempre, será nossa própria vergonha.

O apóstolo pausara, cismarento,
 Mas do próprio madeiro,
 Varando o ribombar do firmamento,
 Veio, em amargo acento,
 A voz de um Mensageiro,
 Dos muitos que velavam, na hora extrema,
 Pela paz do Divino Companheiro:
 - Silencia, Tiago!... O reino que esperavas
 É o mesmo desta hora em que se escuta
 O terrível clamor de sofrimentos e luta
 Das vastas multidões de almas escravas...
 De que vitória falas? As da guerra?
 Da pilhagem no sangue em que se alaga?
 Da púrpura dos reis que refulge e se apaga,
 Ante a cinza dos túmulos da Terra?
 Jesus não trouxe ao mundo o império da opressão
 E sim a luz do Reino Superior
 De verdade e de paz, de esperança e de amor,
 Alto Reino de Deus que deve se elevar
 De nosso coração!...

Emudecera a voz, mas o apóstolo aflito
 Voltou a perguntar:
 - Então Jesus, o Ungido dos Ungidos,
 Não veio proclamar
 A terra em que nasci por nação de escolhidos?!...

O Emissário, porém, clamou da cruz, em tom profundo:
 - Tiago, não te dêes a preconceitos vãos,
 Todo povo é de Deus, nos caminhos do mundo,
 Todos somos irmãos!... Todos somos irmãos!...

O aguaceiro no céu, a jorros se destampa...
 O apóstolo descia, pensativo,
 Mas, na última rampa,
 Encontra um pobre homem morto-vivo...
 É um mendigo estirado, ao pé do morro,
 A rogar por socorro...
 Está febril, cansado, espancado e ferido.
 Tiago enxerga nele um farrapo sangrento
 E refletiu, de si para consigo:
 - Será este, meu Deus, o divino momento
 De compreender Jesus?

Inquieto e surpreendido,
 A sentir-se, por dentro, em nova luz,
 Toma o desconhecido
 E, a carregá-lo nos seus próprios braços,
 Registra estranha força a sustentar-lhe os passos...
 Lembra a história do Bom Samaritano
 E, na grandeza do seu gesto humano,
 Leva o infeliz a humilde hospedaria...

Na rua, a tempestade atroava e rugia...

O apóstolo recorda o Cristo entre os doentes,
 Desolados, sozinhos, maltrapilhos,
 Que tratava por filhos,
 Entre afagos e zelos permanentes...

Em seguida, contempla, enternecido,
 Aquele companheiro anônimo e vencido;
 Limpa-lhe o corpo em chaga e oferece-lhe um leito,
 De inesperado amor inflama-se-lhe o peito...
 Nessa transformação,
 Abraça-se ao pedinte por irmão!...

Lá fora, o temporal estrugia, violento,
 Apedrejando a Terra, entre os uivos do vento!...

Tiago se rendera à extrema compaixão...
 Tocado de alegria excelsa e rara,

Sentiu, dentro do próprio coração,
Que a construção do reino começara...

(Apontamentos:

Quanto mais reclamamos, menos percebemos que nada fazemos do que reclamar... Aqueles que se dedicam a fazer, seja lá o que for, não têm tempo de reclamar! Caso já tenhamos dominado a teoria, devemos nos dedicar à prática, fazer devagar e gradualmente sentir as nossas possibilidades de ações. Os que só sabem reclamar ainda não sabem fazer, e seus reclamos nada mais são que manifestações da enorme inveja que têm daqueles que fazem... Caso nos descobramos reclamando, tentemos fazer algo útil...)

DE ALMA PARA ALMA

Maria Dolores

E chegaste no mundo à grande encruzilhada:
 De um lado a provação gritante e sem conforto,
 De outro, o desalento ao peito semimorto
 E, mais além, a trilha obscura e escarpada,
 Sob céu pardacento,
 Em que te aguarda a aspérrima jornada
 De sacrifício e sofrimento
 Para atingir, de novo, a senda iluminada
 Que te assegure paz no coração...

Clamas e choras, mas não te lastimes,
 Nunca te faltará recurso a que arrimes
 Nem seguirás em vão.

Escuta, alma fraterna,
 Não te deites, à margem do caminho,
 Alegando cansaço e coração sozinho
 Para fugir da estrada a percorrer...
 Lança ao rio do tempo a dor que te consterna,
 Reanima-te e volta ao movimento e à vida
 E esquecerás a chaga dolorida
 Que te põe a sofrer
 Na mágoa que te alcança.

Alguém errou, furtando-te a esperança,
 Mas ouve, alma querida,
 A evolução é clara e definida:
 A Terra, - nossa escola multimilenária, -
 Foi criada por Deus para nos ensinar;
 E todos nós, constantes aprendizes,
 Temos faltas cruéis quanto acertos felizes...
 Não te ocultes na névoa da tristeza;
 O erro vem da própria Natureza;
 Mas Deus também nos dá, sem conta e sem medida,
 A força de amparar e corrigir a vida...

Pensa na gleba, inculta, arrasada a tratores,
 Produzindo montões de frutos e de flores;
 A enorme queda d'água é um abismo profundo,
 Mas o humano que a sonda, observa e domina,
 Dela triunfante extrai os poderes da usina
 Que enriquecem de força o progresso do mundo;
 A pedreira, a cair em processo violento,
 E o manganês no solo, a impedir a verdura,
 Trazido ao fogaréu, de pedaço a pedaço,
 Faz-se a espinha dorsal das estruturas de aço...

Assim também, alma fraterna e boa,
Ergue-te e segue o bem, de Espírito sereno!...
Desânimo é veneno.
Esquece todo o mal, serve, ama e abençoa...
Não te canses de crer e de esperar.
A dor, em qualquer tempo, é a lúcida cartilha
Com que Deus nos revela a doce maravilha
De sofrer por amor na alegria de amar.

(Apontamentos:

Existem vários tipos de sofrimento, porém um só é válido; aquele que promove melhoria no irmão e no executor. Mas o que é esse sofrer? Sofrer é passar! Passar dificuldades para ajudar ao irmão, passar por problemas para ajudar no problema do irmão, passar jejum para doar a comida ao irmão faminto etc. Existem muitas 'passagens' pelas quais podemos passar, não necessariamente com dor, pois devemos passar com amor! A Lei de Deus é amorosíssima, nunca nos imporia a dor e o sofrimento... Passemos com amor...)

CARAVANA

Maria Dolores

Quando a crise te pareça
 Duro lenho que suporta
 De esperanças semimortas,
 Fita os outros como estão...
 Perceberás, claramente,
 Na prova em que te conduzem,
 Que todos carregam cruces
 No imo do coração.

Aquele humano bem posto;
 Embora os cabelos brancos,
 Está preso a vários bancos
 Por débitos que mantém;
 Outro que surge mostrando
 Posse rica e passageira,
 Chora a nobre companheira
 Que a morte instalou no Além.

A jovem de face linda
 Que tantos dotes condensam
 Tolerava a cruz da doença
 De natureza mortal;
 Aquela senhora triste,
 De olhar calmo e gesto brando,
 Tem o filho agonizando
 Numa cela de hospital.

Aquele pintor famoso
 Que a gente admira tanto,
 Tem a cruz do desencanto
 Por infortúnios de amor,
 A bailarina que vimos,
 No ritmo a que se entrega,
 Lamenta a mãezinha cega
 Inconformada na dor.

Buscando a união com Deus,
 Somos nós, na estrada humana,
 Corações em caravana,
 Cada qual na própria cruz!...
 Não te lamente. Sigamos.
 Nenhum de nós é sozinho,
 Entre as pedras do caminho,
 Quem segue à frente é Jesus.

(Apontamentos:

Que a vida terrena não é um mar de flores nós sabemos, mas acreditar que é um inferno de espinhos é um enorme erro! Como normalmente, pelo nosso comodismo e conformismo, cobramos dos outros tudo aquilo que nós deveríamos fazer, o único caminho correto a ser seguido é do conhecimento verdadeiro. Mas o que é esse conhecimento verdadeiro? O conhecimento verdadeiro é aquele que atende à razão, não é fanatismo, não é fatalismo, é aquele que atende plenamente à Lei de Deus! O conhecimento que responda clara e cientificamente a qualquer indagação material ou espiritual, não sendo místico, nem fanático e nem parcial é verdadeiro. Experimente estudar a Doutrina dos Espíritos, ela irá apresentar verdades, será que nós queremos a verdade?)

REDENÇÃO E AMOR

Maria Dolores

A polícia chamara a velhinha presente.
 Na sala de chefia, estava pouca gente,
 Mas, no centro do quadro, uma jovem brilhante,
 A quem a fama abria as portas,
 Levantou-se arrogante
 E, apontando a senhora,
 Que se vestia humildemente,
 Falou ao delegado de plantão,
 - Esta mulher aí de pernas tortas
 Já me esgotou a paciência,
 Por favor, excelência,
 Exijo que ela seja repreendida,
 É uma velha idiota a me arrasar a vida,
 Diz ser a minha mãe, andando aqui e ali
 Mas sei que minha mãe morreu quando eu nasci...

Creio seja a mulher de muita idade
 Que mora aos fundos da mansão,
 Onde encontrei a minha educação
 E onde ela vive pela caridade.
 Tenho um nome correto a defender,
 Nos clubes, nos jornais,
 afastá-la de mim é apenas meu dever,
 Quero que esta gorilha
 Não me chame de filha,
 Nem me incomode mais.

O delegado fita a acusada infeliz,
 Que se mostrava pálida e sem jeito,
 E indagou a respeito:
 - A senhora?... O que diz?

A velhinha informou, em tom magoado:
 - Peço consentimento,
 A fim de esclarecer ao senhor delegado
 Que estou viúva, há mais de vinte anos...
 Vivi com meu marido poucos dias...
 Era ele pintor, lidando em grande altura,
 Faleceu ao cair de uma laje insegura,
 Fiquei grávida e só, recalcando agonias...
 Na condição de lavadeira,
 Vivo sempre reclusa
 No lar que me albergou a vida inteira,
 Onde nasceu a jovem que me acusa;
 Ela cresceu, senhor, fez-se forte e instruída,
 E agora resolveu mudar a própria vida...

A moça aparteou, bradando revoltada:
 - É mentira, excelência... Esta velha estouvada
 É um caso apenas para sanatório...

Antes, porém, que o delegado
 Emitisse apressado
 Qualquer conceito vexatório,
 Ouviu-se o coração materno, conformado:
 - Disse toda a verdade, meu senhor,
 Esta filha que eu tenho é a linda estrela
 De minha estrada dolorosa,
 No entanto, se é feliz sem meu amor,
 Aceito a acusação de mentirosa
 E prometo não mais aborrecê-la.

Ambas não mais se viram, frente a frente.
 Aquela mãe sem forças, mais doente,
 Da Terra desprende-se, fatigada...
 Mas a filha seguiu por outra estrada.

A borboleta humana embevecida
 Quis desfrutar, sem pausa, os prazeres da vida...
 E viveu mais dez anos, desta em festa,
 De coração afoito e desatento...
 Almas lesadas, luto e desalento
 Seguiram-lhe, no mundo, as insensatezes funestas...
 Mas a doença veio e a pobre já não era
 A jovem que lembrava a primavera,
 A princesa da noite e da ilusão...
 Depois de angústia imensa, em longos dias,
 Na mais deserta das enfermarias,
 A morte situou-se noutras plagas...
 Ei-la agora na vida diferente...
 Sentia-se, em si própria, como em chagas;
 Parecia guardar a memória doente
 E, acima dos remorsos que trazia,
 A dor da triste mãe que desprezara, um dia,
 Punha-lhe o coração em fogo lento.

Não mais soube contar o dia, a hora,
 Porque, perante o Além, na culpa de quem chora
 O tempo se transforma em sofrimento...
 Meses correram sobre muitos meses,
 Via-se em sombra e a sós... No entanto, algumas vezes,
 Ouvia vozes perto... Era a doce lembrança
 Da meninice longe, entre as bênçãos do lar...
 Ternos motes de amor e canções de ninas,
 Como notas de paz em brisas de esperança...

Passados alguns anos, certo dia,
 Enxergou novamente o sol, a natureza...
 Pranteia de emoção, embora presa
 À luz, à imensa luz que lhe sorria...

Eis que alguém lhe aparece... Um anjo de visita
 Ou luminoso ser de beleza infinita?
 Ela chora, a sentir-se envergonhada,
 Mas esse alguém lhe fala com ternura:
 - Vida de minha vida, filha amada,
 A dor é a grande estrada para a Altura,
 Quero ver-te, de novo, nos meus braços,
 Regressarás à Terra, em minha companhia,
 Minha filha de alegria,
 Renascerás comigo no futuro...
 Filha querida, estrela de meus passos,
 Buscaremos, na Terra, as fontes do amor puro...
 Como sempre, serás meu sonho e meu encanto,
 Filha do coração, tesouro que amo tanto!...

Mas a pobre exclamou: - Quem sois vós que falais?
 Filha? Fui sempre má, não mereço este nome...
 Reneguei minha mãe, o fel que me consome
 É o remorso cruel que não se acaba mais...
 Quem sois vós que não vedes minha dor
 E nem reconheceis a angústia que me leva
 A reaar a luz e esconder-me na treva?...
 Por quem sois, anjo ou luz, uma santa ou uma estrela,
 Levai-me à mãe que eu tive, quero vê-la...
 Onde está minha mãe, meu refúgio e meu guia?
 Somente minha mãe me perdoaria...

(Apontamentos:

Drama muito comum no cenário terreno, dois Espíritos em conflitos evolutivos, cada um querendo fazer o melhor, sem saber o que é o melhor... Dentre os conflitos destaca-se o dilema do respeito ao livre-arbítrio, pois ainda não sabemos educar corretamente e, então, passamos a impor aquilo que julgamos ser a melhor educação. Não existe necessariamente o conflito de gerações materiais, existe sim o conflito dos momentos evolutivos espirituais. Desconhecemos até as nossas necessidades de aprendizado espiritual e não queremos mover uma palha sequer para conhecer essas necessidades... O caminho único para entendermos e respeitarmos os dramas encarnatórios é o dos estudos. A Doutrina dos Espíritos aí está para os que quiserem estudar e conhecer os valores espirituais.)

AGRADECIMENTO

Maria Dolores

Pelo prato de pão que me dás à porta
Aos que se vão no espaço de ninguém,
Atirados à dor que os desconforta,
Deus te conserve as mãos na lavoura do bem.

Ante os que sofrem a agressão do frio
Na trilha da aflição nevoenta e espinhosa,
Pelo agasalho com que os fortaleças,
Deus te resguarde a vida generosa.

Pensando nos doentes desprezados,
Cujas inquietações menores e alivias,
Pelo socorro que lhes ofereças,
Deus te faça mais luz na estrada dos teus dias.

Pelo perdão à ofensa recebida,
Por teus gestos de amparo e compreensão,
Deus te conceda em tudo, alma querida,
Felicidade e paz ao coração.

(Apontamentos:

Ações que parecem simples, mas são de enorme valor ao Espírito que as faz naturalmente.)

FAMÍLIA E VIDA

Maria Dolores

Família é o ponto de encontro,
 Que a vida, em si, nos oferta,
 Para a conta viva e certa
 Do que se tem a fazer;
 Às vezes, indica empresas
 De amor, renúncia e talento,
 De outras, é o pagamento
 De débitos a vencer.

No lar, ressurgem afetos,
 Dedicções incontidas,
 Riquezas em luz de outras vidas
 No tempo, a se recompor;
 Mas também, dentro de casa,
 É que o ódio de outras eras,
 Abre feridas austeras,
 Reconduzindo ao amor.
 Vemos pais largando os filhos
 Com desprezo e indiferença,
 E os filhos em turba imensa
 Combatendo os próprios pais,
 Parentes contra parentes,
 Lembrando aversões em brasa,
 Unidos na mesma casa
 Sob direitos iguais.

Se sofrimento em família
 É o quadro em que te renovas,
 Tolera farpas e provas,
 Aceitando-as, tais quais são!...
 Não fujas!... Suporta e avança!...
 Seja tolerância, aonde vás,
 Segurança pede paz
 E a paz é luz do perdão.

(Apontamentos:

O núcleo familiar é o maior e melhor cadinho para diluir o 'acerto' das contas de pretéritas encarnações. Temos que conhecer, e muito bem, aos valores espirituais, para sabermos quais as situações merecem calma, compreensão e tolerância, e quais merecem suaves correções... Estudar leva ao conhecimento, vamos estudar?)

NESGA DE PROVA

Maria Dolores

Foi num cenário de atualidade,
 No recinto de luxo, o público à vontade,
 Delirava e aplaudia
 A jovem que aliava harmonia e beleza,
 Qual se fosse uma flor da natureza,
 Enquanto se despia...

A música ambiente
 Escorria no espaço, docemente.

A atriz desajeitada
 Que era o enfeite daquela madrugada,
 No palco debruada a cores fascinantes,
 Embora a movimentação cadenciada,
 Passo leve de cisne pequenino,
 Mantinha os olhos baixos,
 Tentando recobrir o corpo alabastrino
 Com os cabelos tecendo longos cachos,
 Como se desejasse
 Esconder no rubor da própria face
 A dor com que guardava o seu próprio destino.

O quadro da nudez artística surgia
 Apenas por instantes
 E, regressando a moça aos bastidores,
 Um senhor de alto porte
 Destacou-se de um grupo de senhores...
 Homem moço a exhibir gestos brejeiros
 Parecia chegando aos quarenta janeiros...
 Ausenta-se da sala e aguarda na saída
 A jovem que desponta, ainda mais bela,
 Nobremente vestida
 Embora revelando fino trato,
 Ele avança, zeloso, e diz à ela
 Quanto lhe admirara a beleza e o recato
 Na cena colorida
 Que ela marcara de ternura e vida.

Ela agradece a saudação
 E procura afastar-se;
 Ele, porém, sem mais disfarce
 Da educação que mostra atravessa o limite,
 Faz-lhe estranho convite;
 Mas jovem lhe fala, olhos em pranto:
 - Não me ofenda, senhor,
 Tenho somente dezessete anos...

Espero para breve um casamento
 E se aceito está ingrata profissão
 É pelo pagamento
 Para a manutenção
 De minha pobre mãe tuberculosa...
 E acentuou mais triste e mais chorosa:
 - Ainda agora fui chamada
 Para vê-la, talvez, na despedida...
 Um longo tratamento foi inglório...
 Minha mãe, meu senhor,
 Agoniza, exilada em sanatório.

Ela contrata um táxi, apressada...
 O cavalheiro sob enorme assombro,
 Liga o seu próprio carro e segue-a na largada.

Entra a menina no hospital
 E ouve as opiniões de estimada enfermeira, depois, segue ligeira
 Para o vasto aposento,
 Onde a mãezinha, em rude sofrimento,
 Aguarda a hora derradeira...

Entre as duas, o olhar é de angústia e de pranto,
 Repleto de aflição, de amor e espanto...
 Mas nisso o cavalheiro esbaforido,
 À custa do obséquio de um porteiro
 Que peitara a dinheiro.
 Rápido, alcança o quarto em forçado alarido...
 Vendo, porém, a dama quase morta,
 Assusta-se, recua e quer voltar à porta,
 Mas a doente ganha forças
 E vencendo a terrível dispneia,
 Assombrada lhe diz!...
 - Agenor!... Agenor!...
 Não fujas, nem desprezes nessa dor!...
 A santa mãe de Deus
 É que te trouxe aqui,
 Não te vás!... Nada temos contra ti!...
 Vinte anos passaram de saudade,
 O tempo para mim foi uma eternidade...
 Esperei-te em serviço,
 Sem jamais esquecer o nosso compromisso,
 Até que o corpo frágil me traiu,
 A saúde caiu
 Mas nada me faltou...
 Nossa filha, empregada de escritório,
 É meu apoio neste sanatório...
 Mas agora... Agenor...
 A morte já vem perto...
 Perdoa-me se levo o teu amor
 No meu peito cansado, enfermo e deserto...

Mas... Se puder fazer-te algum apelo,
 Ampara a nossa filha,
 Protege-a, sob a força de teu zelo...
 Jovem, quase menina,
 Ela é a nossa heroína
 Que nunca me deixou sem remédio e sem pão...
 Se é que vieste ver-me,
 Vem por Deus a fim de recebê-la,
 Como sendo no mundo a nossa estrela
 E o nosso coração...

O cavalheiro pálido, suspenso,
 Enxuga as próprias lágrimas num lenço.
 Talvez pela energia despendida,
 A senhora calou-se em paz indefinida...
 Aquele corpo triste, enfim, morrera,
 Guardando da alma ausente um sorriso de cera...

Ante quatro enfermeiras espantadas
 O homem agora em pranto
 Humildemente busca a menina que chora,
 Toma-lhe a mão da qual não mais se desvencilha,
 Abraçam-se depois,
 Em soluços os dois...
 E olhos postos talvez nas brumas do passado
 O cavalheiro transformado
 Reconhece que achara a sua própria filha!...

(Apontamentos:

Quando será que passaremos a ver nos corpos diferentes avós, pais, irmãos, esposo ou esposa, filhos, netos e não seres diferentes submissos a nós, ou submetidos a outros? Todas as comunidades falam em 'irmãos', mas orgulhosamente apenas se referem aos da sua tribo, os de fora são 'condenados'! Porque não conseguimos entender que Deus, tudo tendo feito, é nosso único Pai e, portanto, somos todos 'irmãos' em Jesus Cristo!)

CANTANDO AGRADECEMOS

Maria Dolores

Deus te abençoe, alma fraterna
 Pela presença amiga
 Com que honras a festa da bondade
 No recinto de luz que nos abriga!...
 Certamente, deixaste à retaguarda
 Deveres que transportas na lembrança,
 Mas, mesmo assim, trouxeste o teu concurso
 Aos que choram nas filas da esperança...

Deus te abençoe a inteligência
 Com que enfeitaste de harmonia,
 Arte, renovação, cor e beleza
 Esta noite de paz e de alegria,
 Talvez sentindo o coração magoado,
 Pelas tribulações do mundo desatento,
 Sem, no entanto, esquecer os irmãos que vagueiam,
 Entre a necessidade e o sofrimento.

Deus te abençoe a frase generosa
 Com que extingues o mal, onde o mal se levante,
 Para que a chama da beneficência
 Possa seguir adiante...
 Varando incompreensões,
 Tudo sabe transpor,
 Emoldurando as pedras da jornada
 Com pétalas de amor.

Deus te abençoe, alma da caridade,
 Que buscas, por prazer,
 Mostrar que qualquer dor lembra a noite que passa
 E o bem, onde aparece, é sempre o amanhecer!...
 Segue e não temas!... Ama, crê e auxilia
 Que prova alguma te atordoe...
 Por toda a luz que espalhas, dia-a-dia,
 Deus te guarde e abençoe.

(Apontamentos:

Sim! Devemos louvar aos irmãos beneficentes de verdade, àqueles que fazem por amor e não por obrigação, àqueles que dedicam o principal e não o resto! Falamos em caridade, e de boca cheia, mas a caridade está muito distante de nossos sentimentos, mas muito próxima das nossas desculpas esfarrapadas...)

FESTA DE AMOR

Maria Dolores

Enquanto o mundo, lá fora,
Suporta rude tormenta,
Sob a discórdia violenta
Que sombra e angústia descerram,
Neste pouso de esperança,
Artistas e benfeitores
Espalham bênçãos e flores
Que afastem a dor da Terra.

Tantos convites à paz,
Que a fé reúne e condensa,
Para que a paz brilhe e vença,
Reconforta-nos ouvir,
Notando a vossa bondade,
Em que me inspiro e comovo,
Sentimos Jesus, de novo,
No presente e no porvir.
Soubestes ler a mensagem
Da Natureza divina,
O Sol jamais raciocina
Para dar luz e calor;
A fonte serve sem paga,
O ar é um brinde opulento
Que verte do firmamento
Em oceanos de amor.

As árvores generosas,
Tanto aos humanos, quanto aos brutos,
Entregam seus próprios frutos,
Diferentes, tais quais são;
Os pássaros, onde surgem,
Usando requinte de arte,
Exaltam, em toda parte,
A força da Criação.

Também vós, no excelso câmbio
Do Bem que traz a alegria,
Que, sobretudo, alivia
Tantos pais e tantas mães,
Guardais convosco os prodígios,
Na química do talento,
Que amparam o sofrimento,
Trocando rosas por pães!...

Acendestes com bondade,
No fulgor da inteligência,

A luz da beneficência,
Corações amados meus!...
A vossa festa de auxílio,
Tão só por si nos revela
Que a vida é sempre mais bela,
Buscando a Bênção de Deus.

(Apontamentos:

Certamente um dia nós estaremos participando dessa festa de amor, mas por enquanto somos apenas os acomodados nas benesses divinas, usufruindo egoisticamente da amável natureza divina. Será um dia de esplendor maravilhoso aquele em que sejamos nós os festejados por nossos atos de carinho, bondade e amor...)

O CAMINHO DO REINO

Maria Dolores

Após a última ceia, o discípulo João,
O mais jovem do Grande Apostolado,
Sob forte impressão
De tudo quanto ouvira do Senhor,
Tendo Jesus ao lado
Indagou, pensativo:

- “Mestre, é tão grande a luz da esperança em que eu vivo,
Que me permito perguntar:
Onde posso encontrar,
Inda mesmo em estudo alto e profundo,
Nas instruções do mundo,
O caminho real para o Reino do Amor?”.

O Cristo replicou: - “Medita, João,
Asserena teu próprio coração,
Aqui, ali, além, seja onde for,
Segue plantando o bem, a paz, o amor...
A vida é um livro aberto
E a própria vida te trará por certo,
Ante as inspirações que vertem das Alturas,
A estrada para o reino que procuras...”.

Depois do encontro amigo,
Tudo se transformou nas Boas Novas...
O grupo penetrou em grandes provas:
Medo, tristeza, angústia, inquietação, perigo...

Jesus fora arredado da enxovia,
Em silêncio e à distância, João seguia
Todas as ocorrências, de hora a hora.
Por fim, notou, quase desatinado,
Que o Mestre, portador de tanto bem,
Vinha sendo espancado
Sob as injúrias de Jerusalém.

O apóstolo sem paz
Observou que a multidão
Lançava o Cristo na condenação
E absolvía Barrabás...
Perplexo anotou que a tantas zombarias
Não formulou Jesus quaisquer respostas...
O Mestre admitira a cruz às costas,
Por entre acusações e gritarias.

Depois, ei-lo a seguir fatigado a hesitante...

Tropeçou, suarento.
 O cortejo seguia, frio e lento,
 A engrossar-se de gente, instante a instante...
 Para ajudar-lhe a marcha estranha e triste,
 Foi trazido até ele o cirineu...
 A turba protestou, de dedo em riste,
 Jesus, porém, calou-se e nada respondeu...
 Terminado que foi o duro itinerário,
 Alcançara o Senhor o cimo do Calvário...

João que a tudo assistia,
 Antes de se chegar à bênção de Maria,
 Esmagado de dor, surpresa e espanto,
 Rememorava em pranto
 Todo o amor que Jesus distribuía...
 As pregações do lago, ante os céus de safira,
 O Sermão da Montanha, à luz da Natureza,
 O pão multiplicado, o riso das crianças,
 A exaltação das bem aventuranças,
 Os doentes curados, a beleza
 Da fé que renascia em tanto rosto
 Que a provação cobria em névoa de desgosto...
 Lembrava os paralíticos reerguidos,
 A gratidão de todos os caídos
 Que o Mestre levantara para o bem...
 Como entender, assim, Jerusalém
 Que condenava o mensageiro
 Da Bondade dos Céus para com o mundo inteiro?

Tocado de emoção e sofrimento,
 Abeirou-se do Cristo, então tranquilo e atento,
 E ponderou: - “Senhor, não posso crer...
 Pelo bem que se faz, é preciso morrer?
 Por haver plantado a paz e a luz
 Deves achar a morte sobre a cruz?
 Defende-te, Senhor, fala, protesta,
 O teu ensinamento é a força que me resta,
 Não me deixes, em dúvida, sozinho?
 Mas Jesus, compreendendo o tempo escasso,
 Respondeu, transpirando amargura e cansaço;
 - “Não te lamente João!... Deus vive em nós”...
 Depois, erguendo a voz,
 Disse, fitando o monte em pedra e espinho,
 A refletir no olhar a própria dor:
 - “Por enquanto, na Terra, este é o caminho,
 O caminho real para o Reino do Amor!...”.

(Apontamentos:

Jesus veio para nos mostrar, e mostrou, que os valores materiais somente podem conduzir ao sofrimento, pois nos afastam dos valores espirituais. A sua crucificação representou o desapego do Espírito para os valores da matéria e, conseqüentemente, para a glória do Espírito! Mas passados

dois milênios ainda não conseguimos nos afastar, por pouco que seja, dos bens materiais. A culpa é de quem?)

ARTE E VIDA

Maria Dolores

Dizem que, em plenos céus, encontraram-se, um dia,
 A cigarra cantora e a formiga prudente,
 Mas deixando de longe a fábula dos humanos
 A fala do Senhor foi muito diferente.

Ele disse à formiga: “Sê bendita,
 No esforço que fizeste... Embora pequenina,
 Ensinaste na Terra as lições do trabalho,
 Exaltando o valor da disciplina.
 Construístes, guardaste, entesouraste,
 Reservando celeiro ao próprio excesso,
 E demonstraste aos humanos quanto vale
 A previdência ao culto do progresso.
 Bendita seja, por que promoveste
 A união de teus grupos e parentes...
 Será na Terra o símbolo do apoio
 Com que se deve amar aos próprios descendentes...”.

Tendo havido uma pausa, a formiga contente
 Talvez ansiando armar algum ingênuo enredo,
 Desejou complicar a amiga desprezada
 Que vivera cantando no arvoredado.

Mas o Senhor voltando ao verbo alto e sereno,
 Decidiu-se expressando a própria Lei:
 - “E, quanto a ti, cigarra, sê louvada
 Pela atenção no encargo que te dei.
 Raros humanos souberam perceber-te
 Na elevada missão de que foste investida,
 O Céu determinou cantasses, embalando
 A natureza em luta, ante as ordens da vida.
 Cantavas sem prender-te a tesouro e celeiro,
 Sabendo que eu jamais te negaria,
 Pensamento e palavra, harmonia e beleza
 Para a bênção do pão de cada dia.
 Viajores prostrados de cansaço,
 Ao ouvir-te as canções, guardando-as na lembrança,
 Refaziam a fé nos poderes da vida,
 Prosseguindo a jornada ao toque da esperança...
 Troncos ao sol do estio, ressecados,
 Erguendo-te a voz, aguardava, em prece,
 O regresso da chuva a cobri-los de flores...
 Cantavas e a coragem retomava
 Lares e prados, montes e caminhos,
 Derramavas a música no Espaço
 Alcançando os jardins, as árvores e os ninhos...”

E muitas vez, cantavas de tristeza
Sem que ninguém te visse a solidão,
Mas atendeste aos Céus que te pedia,
Servir cantando em forma de oração.
A formiga é a prudência apoiando o progresso,
Para que a Terra lute e evolua, a contento,
Entretanto, cigarra, será sempre,
A inspiração de luz do firmamento”.

Artista, aceita a vida, embora as dores
Que a vida em si te impõe, sem compreendê-las,
O progresso constante é a grandeza do mundo,
A arte, porém, pertence ao País das Estrelas.

(Apontamentos:

A fábula da formiga e da cigarra nos levava ao valor do trabalho prudente em oposição ao trabalho inconsequente. Aqui a irmã nos chama a atenção ao valor deste último trabalho e nos é difícil entender isso. Vamos ler história tais como do Aleijadinho e similares, conhecer suas agruras pela arte, seus amores pelo belo e seus anseios de perfeição, somente assim é que entenderemos esta página da irmã Maria Dolores.)

LEMBRANÇA ÍNTIMA

Maria Dolores

Se souberes de alguém
 Que se afastou do bem,
 Nada digas de mal,
 Porque não sabes se a pessoa
 Que se complica ou se atordoa
 Tem algo que lhe agride a limpeza mental.

Se escutares na estrada
 Que essa ou aquela criatura vive errada,
 Abençoa, trabalha e silencia...
 Com referência à tentação e à queda
 Ou à calúnia feroz que a tanta gente enreda,
 Cada qual tem seu dia.

Se vires chaga ou lama,
 Cala-te, faze o bem, asserena-te e ama,
 Planta alegria e paz.
 De tolerância e amparo no caminho
 Ou do braço leal de algum vizinho
 Eu preciso e também precisarás.

Lembra a fonte que passa a entregar-se, de todo,
 Por mais se lhe arremesse pedra ou lodo,
 Ei-la fazendo o bem...
 Seja onde for, recorda, alma querida,
 Que o próprio Deus, o Pai e Excelso Autor da Vida,
 Não despreza ninguém.

(Apontamentos:

Aqui o total respeito ao livre-arbítrio! Nada de censurar aos irmãos por não seguirem o caminho que julgamos mais correto, deixemos que sigam por seus caminhos e façamos o nosso ser o melhor exemplo para qualquer irmão. A crítica é julgamento covarde, pois raramente é feita na presença daquele que criticamos, mas temos que nos lembrar de algo muito importante; Deus nos vê e ouve criticar aos irmãos...)

AMOR E VIDA

Maria Dolores

Na sala extensa da delegacia,
 Estavam de plantão
 O chefe e um escrivão
 Agindo atentamente.

Diante deles se reconhecia
 Um nobre advogado em companhia
 De um filho adolescente.

Algo distantes, lado a lado,
 Erguia-se um soldado,
 Guardando a prisioneira, uma doente,
 Triste e pobre mulher, maltratada e abatida
 Que, conquanto sentada,
 Parecia a visão da dor, ansiosa e conformada,
 Entre a ronda da morte e a presença da vida.

- Doutor, - falou o chefe vigilante,
 Dirigindo a palavra ao visitante,
 - Embora o furto confessado,
 Não sei o que fazer da velha, aqui detida,
 Todo o processo crime está formado,
 Mas a infeliz não tem qualquer defesa...
 Já nomeei um bacharel amigo
 Que lhe proteja a causa
 De mulher sofredora, em extrema pobreza,
 Mas a doença dela é febre sem pausa,
 Segundo o nosso médico em serviço,
 É um caso grave de pneumonia...
 Que fazer? Conservá-la na prisão?
 Aguardar do juiz alguma decisão?
 Recolhê-la em asilo hospitalar?
 Ou guardá-la em custódia no seu lar?

O causídico explode em tom severo:
 - Absolutamente, não a quero;
 Trata-se aqui de ladra astuta e estranha
 Que desde a meninice me acompanha...
 Lavadeira na casa de meus pais,
 Confesso que em meus tempos de menino
 Ela foi ama generosa e boa,
 Ajudou-me e serviu-me em pequenino,
 Algum tempo de amparo, cousa à toa...
 Mas foi sempre um trambolho em meu caminho.
 Desorientada e analfabeta,
 Sempre me pareceu a burrice completa.

Minha mãe há dez anos, falecida,
 Pediu-me, antes da morte, agasalhar-lhe a vida.
 Tornei-a lavadeira em minha residência...
 Infelizmente agora,
 Furtou minha senhora
 Em joias no valor de alguns milhões!...
 Fale, pois Excelência.
 Como ampará-la com paciência,
 Se esta velha se diz agora simples ladra?
 Resguardá-la em meu lar? Isso não quadra.

Ouvindo a acusação, a pobre estarecida,
 Caiu, desfalecida.

Enternecido, o próprio delegado
 Fitou o advogado,
 Como a lhe perguntar de que modo agiria;
 Ele apenas, porém, respondeu friamente:
 - Que se lhe dê qualquer enfermaria...
 Desmaio de gatuno é antigo expediente...
 Depois, erguendo mais a voz:
 - Pode espantar aos tolos, não a nós...
 Nada posso fazer,
 Devo esperar meu pai que volta ainda hoje
 De uma visita a Portugal.
 Coloquem esta ladra no hospital,
 A Polícia dispõe de ação segura e pronta,
 A despesa será por minha conta.

Pai e filho, no carro, a deslizar lá fora,
 Eis que o rapaz revela, enquanto chora:
 - Papai, ao ver Tia Lina desmaiada,
 (Lina era o nome da acusada),
 Já não devo ocultar o erro que fiz,
 Num momento infeliz,
 Roubei todas as joias da Mãezinha,
 Tenho-as todas em minha escrivania;
 E Tia Lina me viu quando as furtei,
 Sabe o erro que fiz
 E porque se calou, realmente não sei...
 Pálido, o genitor espantado e abatido,
 Colhe das mãos do filho o tesouro escondido...
 Quer gritar, acusar, mas a hora é de ação;
 O pai estava à porta,
 Regressando feliz da ditosa excursão.

Depois das manifestações de amor e de alegria,
 Ambos se trancaram numa sala;
 O velho escuta a história e, ao registrá-la,
 Tanto mais chora, quanto mais a ouvia...

Em silenciando o filho, o distinto senhor,
 Sem poder disfarçar a profunda emoção,
 Falou-lhe, coração a coração:
 - Filho, de qualquer modo, és sempre, o nosso amor,
 Eis chegado, no entanto, o instante justo,
 Em que devo contar-te, mesmo a custo,
 Algo que foi passado...
 Minha esposa, depois de nosso enlace,
 Precisava de alguém que lhe compartilhasse
 Os cuidados do lar, a limpeza, o serviço...
 Nossa querida Lina
 Surgiu-nos, certo dia... Era quase menina,
 No entanto, estava grávida e solteira
 Nela encontramos nobre companheira,
 Dela nasceste em nosso próprio lar,
 Minha mulher beijou-te a sorrir e a cantar...
 Desde então, tua mãe – tua mãe verdadeira,
 Deu-se, de todo, a nós, de Espírito cativo,
 Esqueceu-se por nós, nunca pôde estudar,
 Ela era o serviço, o apoio em nosso lar...
 Nada nos reclamou, nem mesmo uma só vez,
 Declarava-te o filho de nós três,
 Nunca foste adotivo...
 Criança recém-nata, eras fraco e doente;
 Lina te resguardou, constantemente.
 Mãe, servidora, irmã e escrava pelo afeto
 Agora, certamente,
 Aceitou a prisão para salvar o neto...

Sufocado de pranto, acompanhando o pai,
 O advogado na delegacia
 Apagou toda a queixa
 Que já não mais vigoraria...
 Perguntou por notícias da acusada,
 Soube que Lina foi transportada
 Para uma enfermaria de indigentes.

Correm os dois, ansiosos e impacientes,
 Querem Lina de volta, por sinal;
 Mas sobre o leito humilde do hospital,
 Acham-na muda e inerte... Esclarece a enfermeira
 Que a doente chegara à hora derradeira...
 Põem-se os visitantes a chorar,
 Mas Lina lhes dirige um último olhar...
 E nesse último olhar que envolve os três
 A verdade se fez...

Descem-lhe grossas lágrimas na face,
 Qual se a pobre ao vertê-las,
 Por elas encontrasse

Um caminho de luz para a luz das estrelas...

O filho a soluçar, sem conforto e sem voz,
Reconheceu, por fim, de alma abatida,
Que a mais simples mulher, em renúncia na vida,
Pode ser nossa mãe, junto de nós...

(Apontamentos:

Aqui tragédia familiar normal do mundo encarnado, mas quantas outras, anormais, estão ocorrendo? Quem é espiritualmente o meu vizinho? Será que ele foi um amigo ou um familiar, um inimigo ou desconhecido, em outra encarnação? A nossa visão, entendimento e aceitação da irmandade universal ainda está muito distante, mas um dia chegaremos lá!)

ORAÇÃO NO TEMPO

Maria Dolores

Agradecemos, Jesus,
 Ao teu amor infinito,
 Este recanto bendito,
 Que nos ergueste por lar,
 O pão que nos dás à mesa,
 A confiança, a harmonia,
 O entendimento, a alegria
 E a bênção de trabalhar.

Agradecemos o apoio
 De tuas forças divina,
 Que nos ampara e nos ilumina,
 Desde a Terra ao Mais Além;
 Os agulhões do caminho
 E o duro rigor da prova, que nos eleva e renova
 Para a conquista do Bem.

Agradecemos, ainda,
 O culto vivo da prece
 Que em tudo nos enriquece
 De paz, união e luz!...
 Permite que te roguemos:
 Nunca nos deixe a sós...
 Seja onde for, vem a nós,
 Fica conosco, Jesus!...

(Apontamentos:

O conhecimento, mesmo pequeno, dos valores e ação do mundo espiritual nos permite entender a constante presença divina junto a nós e, conseqüentemente, dos Espíritos desencarnados. Nós é que ainda não acreditamos que podemos contactá-los! Devemos estudar e labutar na seara proposta pela Boa Nova, assim sendo, conseguiremos a nossa presença junto aos irmãos de outras 'Terras'...)

FIM